



REVISTA DE HISTÓRIA

TEMA: SOCIEDADE E CULTURA INDÍGENA

A UNIÃO DOS PROTETORES



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROF. MAURÍCIO HAMOY

DIRETOR: DANIEL MENEZES BENTES

VICE-DIRETOR ADMINISTRATIVO: JOSÉ GUILHERME COUTO SARRAZIN

VICE-DIRETORA PEDAGÓGICO: MARIA GRACILDA DE A. SILVA BERNARDO

COMPONENTE CURRICULAR: HISTÓRIA GERAL

PROFESSOR: MARCIO RUBENS DA SILVA GOMES

TURMA: 203 MANHÃ / 2024

Óbidos - Pará

A UNIÃO DOS PROTETORES

Editorial

É sabido que na Amazônia existem vários mistérios, principalmente quando se trata da cultura amazônica e suas lendas, que encantam e desencantam quem se interessa em se aprofundar nessas obras como: O Curupira, a Yara e o Boitatá.

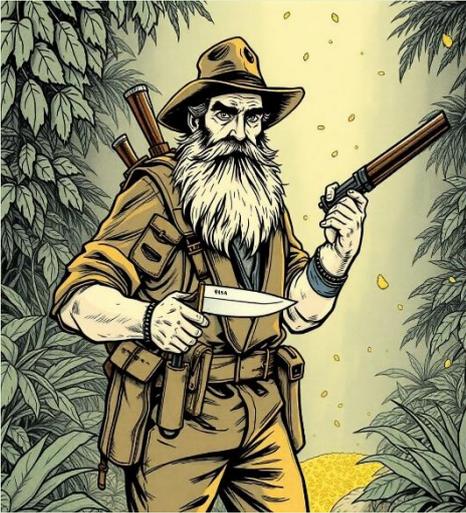
Essas lendas foram criadas em tempos remotos em que nessa época não existia energia elétrica e nenhum tipo de tecnologia para auxiliar na composição dessas obras. Com isso, as lendas eram passadas de geração a geração por meio dos sujeitos mais velhos aos mais novos, tudo por meio da oralidade.

Hoje em dia, com o advento da tecnologia, tudo ficou mais fácil para fazer a divulgação desse material e trabalhar melhor a interpretação dessas obras literárias. Obras estas, que na nossa Amazônia, são dezenas delas, cada uma com sua especificidade e maneira de interpretá-la.

Portanto, as lendas citadas acima (o Curupira, confunde as pessoas que andam na mata), a (Yara toma conta das águas e ameaça àqueles que não a respeita) e o (Boitatá protege e puni aqueles que destroem a natureza). Então, essa riqueza folclórica amazônica nos desperta o maior interesse possível, para que possamos nos unir e proteger a natureza de forma íntegra, pois as lendas, trazem um recado “se nós não protegermos a natureza seremos castigados pelas nossas ações destruidoras, causadas pela humanidade”.

Dessa forma, além de preservarmos, temos que conscientizar e chamar a atenção dos destruidores e até mesmo informar aos órgãos competentes para que assim tomem as devidas providências. Assim como as figuras folclóricas se uniram para derrotar os inimigos devemos nos unir para preservarmos a natureza, hoje, para garantir o amanhã das novas gerações.

PERDIGÃO, Rivelino – Óbidos-Pará-Brasil



Em um tempo remoto, em meio a exuberante e misteriosa floresta Amazônia, três aldeias viviam em constante rivalidade: as aldeias do norte, sul e oeste. Separados por tradições, competiam por recursos e pela supremacia da região. No entanto, essa tensão interna foi abalada quando uma ameaça externa, representada por mineradores inescrupulosos, tentou explorar e destruir suas terras sagradas. Essa história se tornou o ponto de virada para um povo que, até então, desconhecia a força da união.

Cada uma das três aldeias possuía um elo especial com os espíritos das florestas, e esses laços ancestrais se manifestavam em seus jovens guerreiros. O Norte contava com o poder do boitatá, o espírito do fogo, que trazia proteção e força contra as ameaças destruidoras.

O Sul reverenciava o curupira, cujo poder de confundir e se mover com agilidade permitia o controle sobre vastidão da floresta. Já a aldeia do



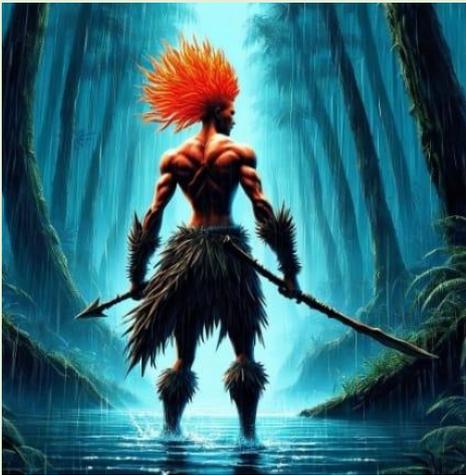
oeste tinha em suas mãos o poder da Yara, a guardiã das águas, cujo domínio sobre os rios e lagos fazia dela uma força incomparável contra qualquer inimigo.



Esses jovens guerreiros, agradecidos com poderes lendários, eram a última esperança de suas aldeias. No entanto, mesmo diante da iminente destruição provocada pelos mineradores, a rivalidade entre as aldeias persistia. Foi só quando os invasores, armados com suas máquinas destrutivas, invadiram as terras sagradas que os

líderes das três aldeias perceberam a necessidade de deixar suas diferenças de lado e se unirem.

A batalha inicial foi difícil. Apesar dos seus poderes extraordinários, os jovens guerreiros ainda estavam aprendendo a dominar suas habilidades. O guerreiro do boitatá ergueu muralhas de fogo, tentando deter o avanço das máquinas.



O curupira, com astúcia, fez os mineradores se perderem nas densas matas. E Yara, usando a força das águas, inundou os acampamentos inimigos. Contudo, esses esforços ainda não eram suficientes.

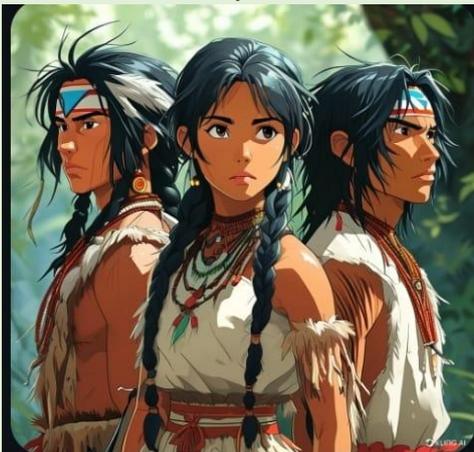
Os mineradores, liderados por um chefe astuto e implacável, descobriram os segredos dos poderes folclóricos e, em uma tentativa de revidar, realizaram um ritual maligno. O chefe, se transformado no corpo seco, um espírito

poderoso e maligno, conferiu poderes a seus companheiros, criando um exército de espíritos corrompidos. Agora, os jovens protetores enfrentariam uma ameaça ainda maior do que haviam imaginado.

A batalha foi árdua. A força dos mineradores transformados parecia invencível, e a jovem Yara foi atingida gravemente, enfraquecendo o trio. No entanto, ao perceberem que estavam à beira da derrota, os três guerreiros se uniram em torno de Yara, buscando uma nova fonte de poder. Ao conectarem suas energias com a mãe natureza, seus



poderes se fundiram em um só, formando uma força imbatível que finalmente derrotou os invasores.



Após a batalha, as três aldeias celebraram juntas, pela primeira vez em séculos, e reconheceram a importância da união. Com o tempo aprenderam a viver em harmonia, protegendo suas terras e mantendo viva a lenda dos três guardiões da floresta.

Fim

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS

DIAGRAMAÇÃO: MARCIO RUBENS DA SILVA GOMES

ILUSTRAÇÃO COM IA: ELUANE DA SILVA DE OLIVEIRA

ENREDO: ELUANE DA SILVA DE OLIVEIRA

HENRIQUE QUEIROZ DA CRUZ

CAPA COM IA: ELUANE DA SILVA DE OLIVEIRA

PATROCÍNIO: ALUNOS DA TURMA 203 MANHÃ, MAURÍCIO HAMOY, 2024.

ALUNOS COLABORADORES

ELUANE DA SILVA DE OLIVEIRA
EDGAR DE SOUZA MOUZINHO NETO
FELIPE PICANÇO DA SILVA
FELIPE PINTO DOS SANTOS
HENRIQUE QUEIROZ
ÍTALO MARINHO BARBOSA
JOÃO HENRIQUE BENTES DOS SANTOS
RIANI GRAZIELE BAYER PERDIGÃO
SAMARA AMARAL DOS SANTOS
SAMIR VITOR SOUSA DA CONCEIÇÃO
SARAH LIZ LOPES VALENTE
WILLIAM TRAVASSOS BATISTA